

Gênero e mídia: uma análise das relações de poder, corporeidade e padrões estéticos hegemônicos

RESUMO – A partir de contribuições teóricas da Psicologia Cultural, o artigo tem como objetivo analisar como as feminilidades e as masculinidades têm sido representadas na mídia na perspectiva de jovens adultos de classe média. Em vista disso, apoiou-se em questionamentos que visam compreender como os dispositivos midiáticos contribuem com a adequação da beleza e dos corpos femininos a determinados padrões estéticos hegemônicos, e quais são os impactos causados na construção de identidades femininas e masculinas. Para além dos mecanismos normativos mencionados, problematiza-se a opressão exercida em relação às mulheres a partir das mais diferentes formas de violência, demandando posturas ativas e de enfrentamento diante das relações desiguais de poder entre homens e mulheres, facultadas por um modelo de masculinidade hegemônica historicamente estabelecido. Realizou-se, para tal fim, uma pesquisa empírica, utilizando-se de metodologia qualitativa, a partir de entrevistas semiestruturadas em conjunto com apresentação de imagens previamente selecionadas, aplicadas a 3 participantes. Ao analisar as informações produzidas na pesquisa, foi reafirmada a atuação da mídia enquanto dispositivo de regulação social, cumprindo um papel normativo e excludente ao evidenciar as relações de desigualdade presentes na sociedade brasileira. Ainda, foram expressos pelos/as participantes concepções pautadas pela homofobia, sexismo e por discursos de tolerância às violências presentes na sociedade patriarcal na qual estamos inseridos. Pôde-se verificar, portanto, o quanto as mais diversas instituições sociais empenham-se na tentativa de afirmar determinadas expressões de masculinidades e feminilidades, reforçando a manutenção de uma sociedade sexista e heteronormativa.

Palavras-chave: identidades de gênero, mídia, padrões estéticos, beleza, relações de poder

É relevante ressaltar que, em 2013, de acordo com o *International Society of Aesthetic Plastic Surgery – ISAPS*¹, o Brasil destacou-se ao ocupar o primeiro lugar como o país que mais realizou procedimentos cirúrgicos no mundo, tomando à frente dos Estados Unidos no ranking. O número de procedimentos cirúrgicos e não cirúrgicos, contabilizados pela ISAPS a partir de um novo e mais atual levantamento, realizados no Brasil em 2016 são de 2.524.115, totalizando 10,7% dos procedimentos realizados mundialmente. Ademais, no ano de 2016, totalizaram-se 23 milhões de procedimentos estéticos realizados por todo o mundo, dentre os quais, mais de 20 milhões dos procedimentos foram realizados por mulheres.

Além disso, tornam-se preocupantes os dados divulgados pela Sociedade Brasileira de Cirurgia Plástica – SBCP, os quais relatam que o número de cirurgias plásticas realizados por jovens entre 14 e 18 anos no Brasil aumentou significativamente para mais que o dobro ao longo de quatro anos, saltando de 37.740 procedimentos para 91.100, de 2008 a 2012 (141% a

¹ Disponível em:
<https://www.isaps.org/medical-professionals/isaps-global-statistics/>

mais). Portanto, esses dados demonstram que a insatisfação com o corpo têm aumentado em números substanciais, evidenciando que discutir questões que produzem interferências na construção da imagem corporal feminina e os impactos disso na constituição de suas identidades, trata-se de um tema extremamente relevante socialmente.

Os impactos subjetivos decorrentes de dispositivos midiáticos e sociais, que aqui serão discutidos, frequentemente ocasionam sofrimentos significativos aos sujeitos, justificando, portanto, a relevância de analisar estes efeitos na subjetividade dos indivíduos. Sofrimentos esses, relacionados às tentativas dos indivíduos de realizarem esforços sobrehumanos, buscando enquadrar-se em padrões estipulados por uma sociedade que visa majoritariamente incentivar o consumismo e o culto ao corpo "perfeito" (Soares-Correia, 2015).

Ainda em termos subjetivos, se acentuados esses sofrimentos, pode-se levar ao desencadeamento de alguns transtornos como a anorexia, a bulimia, o transtorno dismórfico corporal e outros transtornos associados. Este último caracteriza-se, de acordo com o DSM-V, pela preocupação dos sujeitos com defeitos na aparência física, acreditando parecer feios, deformados, não atrativos, anormais. Esta preocupação acaba levando ao desenvolvimento de comportamentos repetitivos, como arrumar-se excessivamente, exercitar-se em excesso, comparar a própria aparência com a de outros e verificar repetidamente os defeitos percebidos em espelhos. Com relação à anorexia e à bulimia nervosa, o DSM-V alerta que o risco de suicídio é elevado, com taxas de 12 por 100.000 por ano relacionadas à anorexia.

Constata-se que estas demandas e padrões são principalmente impostos às mulheres, não por acaso, mas a partir de diversas crenças sociais, histórico e culturalmente construídas acerca do que é belo. Muito além de exigências referentes a padrões estéticos, corporais e de beleza, a opressão em relação às mulheres vêm sendo realizada a partir das mais diferentes formas de violência.

De acordo com um levantamento realizado pelo Datafolha² em 2016, 40% das mulheres brasileiras acima de 16 anos já sofreram algum tipo de assédio. Ainda, 503 brasileiras são vítimas de agressão física a cada hora. A partir destas informações, não há como omitir-se frente às problemáticas de gênero; é necessário que se adote uma postura ativa e de enfrentamento diante das relações desiguais de poder entre homens e mulheres e da violência suscitada, muitas vezes, a partir de um modelo de masculinidade hegemônica historicamente estabelecido.

² Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2017/03/1864564-uma-em-tres-brasileiras-diz-ter-sido-vitima-de-violencia-no-ultimo-ano.shtml>

É de suma importância, portanto, a pesquisa desta temática ao propiciar pensar o fenômeno de maneira mais profunda e complexa, considerando o impacto promovido nas diversas identidades sociais a partir do que é propagado e difundido pela mídia. Assim, entende-se, de modo mais aprofundado, quais são os significados para determinados grupos sociais em determinado momento histórico acerca do que deve ser um corpo feminino esperado e que lhes é imposto; além de proporcionar diferentes discussões sobre o assunto, podendo problematizar o fenômeno e instigar a produção de novos conhecimentos em estudos posteriores.

Dessa forma, ao compreender a relevância de discutir estas questões teoricamente e a partir de pesquisas empíricas, e, para além disso, ao constatar os impactos sociais e subjetivos causados, cabe questionarmos: como a mídia contribui com a adequação da beleza e dos corpos femininos a determinados padrões estéticos hegemônicos, e quais são os impactos causados na construção de identidades femininas e masculinas? Adota-se este questionamento, portanto, como o problema de pesquisa aqui focalizado.

Constituição das identidades sociais e suas inscrições no corpo

A mediação de todas as ações da vida cotidiana ocorre através do corpo que, por sua vez, para além de sua dimensão biológica, é um fenômeno social e cultural, objeto de representações sociais e investimentos simbólicos. Os símbolos sociais que inscrevem-se no corpo, integrados com outros fatores biológicos e culturais, influenciam esse indivíduo ao longo de seu curso de vida (Le Breton, 2007).

Desde a infância, o indivíduo relaciona-se ativamente com outros sujeitos em relações de troca, a partir de produções mútuas de sentidos, inserindo-se na esfera simbólica e cultural. Apropria-se de significados compartilhados, mas também constrói suas próprias significações a partir do que retém e produz acerca do que lhe expõem.

Estes processos de significação do mundo e das relações através do corpo como instrumento, são denominados, por Le Breton (2007), como socialização da experiência corporal. Resulta, então, na influência de padrões culturais que orientam a relação do indivíduo com o mundo. Esta influência sofrida pelo indivíduo não é restrita ao período da infância, estendendo-se à vida adulta e ao envelhecimento; acompanha as mudanças provenientes das diferentes épocas, culturas e modos de viver em sociedade. Sendo assim, os processos de significação dos sujeitos são canalizados de acordo com a sociedade vigente; em um processo que envolve as influências do contexto sócio-cultural no qual estão inseridos,

mas que também envolve o papel ativo dos indivíduos ao significar suas experiências a partir de seu universo simbólico (Madureira, 2016).

Ao representarem determinados sistemas simbólicos, os sujeitos constroem, continuamente, suas identidades sociais. Identidades, as quais, são construídas por meio das diferenciações sociais, ou seja, dependem de identidades outras que distinguem-se daquela com a qual o indivíduo se identifica. Caracterizam-se por um processo continuado pois não são fixas e imutáveis, estando, dessa forma, em permanente constituição (Woodward, 2000).

Enquanto demarcações das diferenças entre indivíduos, os processos identitários possibilitam discriminações referentes a quem é incluído e quem é excluído socialmente a partir de convenções estabelecidas historicamente. Implica-se, desse modo, em relações sociais desiguais, caracterizadas por relações hierárquicas e de poder. Ainda assim, as identidades pertencentes a um mesmo indivíduo não são necessariamente unificadas, podendo contradizer-se entre si (Woodward, 2000; Louro, 1999).

Dentre as identidades sociais, há as identidades de gênero, que referem-se "ao modo como as características sexuais são compreendidas e representadas" (Louro, 1998, p. 22). O termo gênero originou-se a partir dos Estudos Feministas, associado a um movimento de cunho político e social, com o intuito de opor-se ao determinismo biológico subjacente às diferenciações de sexo. Dessa forma, buscou-se enfatizar o caráter eminentemente social e subjetivo das construções identitárias feitas sobre o corpo, pois, ao fazê-lo, contestariam proposições essencialistas de gênero que justificam as desigualdades a partir de diferenciações biológicas *a priori* (Louro, 1998; Scott, 1995).

São construídas, portanto, múltiplas formas de assumir as masculinidades e feminilidades; sistemas identitários de representação, os quais possibilitam a sensação de pertencimento a determinados grupos sociais (Louro, 1998). Desse modo, as diversas identidades sociais pelas quais os indivíduos se definem são inscritas no corpo, ao estabelecerem-se fronteiras entre o eu e o outro. No entanto, é comum, no âmbito social, a disciplinação dos corpos a partir de pedagogias de sexualidade (Louro, 1999), buscando adequá-los ao que é considerado normativo. Implica-se, assim, em um intenso sofrimento aos indivíduos sujeitados a essas práticas sexistas e fundamentadas na heteronormatividade.

Compreensões acerca de gênero e corporeidade: a importância da análise dos significados sócio-culturais e suas construções históricas

Scott (1995), ao discutir sobre as teorizações difundidas no cenário acadêmico relativas à categoria de gênero, evidencia a historicidade presente na constituição dos

significados acerca do que é ser homem ou mulher. Assim, a autora critica concepções estanques, constantemente reproduzidas acerca da oposição binária de gênero, as quais atribuem-lhe um caráter fixo e permanente. Ainda, acrescenta à definição de gênero, o desenvolvimento das relações de poder que ocorre no interior desta categoria.

Diante disso, compreende-se que para além das identificações individuais em termos de gênero, as concepções sociais sobre o corpo adequam-se ao longo da história às diferentes sociedades, raízes filosóficas, e culturais. Ainda assim, constata-se que algumas compreensões perpetuam-se socialmente, insistindo em permanecer no imaginário social.

Dentre estas, destaca-se a divisão mente e corpo, que advém da filosofia ocidental, mais especificamente a partir do conhecimento grego oriundo das concepções de Platão, deixando diversas marcas que até hoje são difíceis de se apagar. Separa-se o material do imaterial; à mente ou à alma, associa-se a psique, o conhecimento, a Verdade, o que é belo e perfeito, o mundo das ideias e da imortalidade; ao corpo, são relegadas associações ao irracional, à obscuridade, e ao mundo dos objetos. Desta forma, ao considerá-lo como irracional e objetificado, o corpo é visto como algo que deve ser dominado (Araiza & Gisbert, 2007).

Denota-se, ainda, o impacto social da oposição entre mente e corpo por ter sido também um conhecimento sustentado e corroborado pelo cristianismo, religião que, por muito tempo, configurou-se e ainda hoje configura-se como uma instituição social de poder no Ocidente. Portanto, o fato de que, ainda nos dias de hoje, a religião legitime esta ideia, faz com que esta concepção tenha se tornado enormemente difundida socialmente.

Desde a representação da gênese humana na Bíblia, a partir de Adão e Eva, possibilita-se a identificação de concepções implícitas em relação à corporeidade e às questões de gênero. Eva, segundo Gomes (2009, citado por Madureira, 2016), remete a um ser carnal, pois é proveniente da costela de Adão e não da figura divina; figura esta, caracterizada como a mais importante no âmbito das religiões de matriz cristã, e a qual concede a vida, portanto, ao homem. A este gênero, é dada a maior importância, pois foi a figura divina que o originou diretamente.

Eva, portanto, é considerada como mais suscetível ao pecado, por ter sido originada da costela do homem, logo, tida como um ser eminentemente carnal. No Antigo Testamento, é Eva quem não resiste à tentação do fruto proibido, associando a mulher como um ser não capaz de resistir aos prazeres corpóreos, concebidos como pejorativos e "baixos"; pois foram estes prazeres não contidos que resultaram na expulsão de Adão e Eva do paraíso (Gomes, 2009, citado por Madureira, 2016).

Dessa forma, há uma lição que busca-se transmitir a partir dessas figuras bíblicas, associadas a uma forte concepção da corporeidade humana como objeto a ser dominado, principalmente referente à feminilidade. De acordo com Madureira (2016, p. 71), "como verdadeiras 'Evas em potencial', as mulheres deveriam ser alvo de um controle social mais acirrado. Suas ações, seu corpo e sua sexualidade deveriam ser vigiados com rigor". Assim, implicam-se em violências simbólicas às expressões de corporeidade associadas às feminilidades, tanto perpetradas pelas próprias mulheres, quanto por homens, inseridos em crenças difundidas por um modelo de masculinidade hegemônica presente em nossa sociedade, a qual reforça concepções pejorativas acerca de expressões sexuais associadas ao feminino, perpetuando a misoginia.

As relações de poder entre homens e mulheres e sua representação no campo das artes visuais

Além da compreensão expressa no âmbito religioso, as representações dos corpos femininos como alvos de controle social e dominação, também se fazem presentes e estão registradas em diversas obras no campo das artes visuais que até hoje relegam ao corpóreo um entendimento pautado na dualidade – mente e corpo – discutida anteriormente. Obras, as quais, são marcadas por discursos que envolvem questões de gênero, sexualidade e poder.

É necessário questionarmos como homens e mulheres são representados nas artes visuais de tradição europeia que, por sua vez, são inadequadamente generalizadas a uma representação da 'história universal da arte', uma vez que, historicamente, padrões estéticos ocidentais vêm sendo assumidos como referências universais a serem seguidos (Loponte, 2002).

Primeiramente, é importante destacar que as imagens tratam-se de artefatos culturais (Madureira, 2016), ou seja, não são expressões neutras da realidade; pelo contrário, são arbitrárias, inseridas em um modo específico de compreender os objetos e fenômenos. Enquanto artefatos culturais, são percebidas nos espaços coletivos a partir de diferentes concepções, advindas de processos de significação fundamentados em experiências pessoais, que orientam, assim, o pensar, o sentir e o agir dos indivíduos (Madureira, 2016). Todavia, tendemos a crer, ingenuamente, que aquele olhar que nos é proposto no âmbito das artes visuais, refere-se a uma única perspectiva possível (Berger, 1980).

Verifica-se que o modo tido como único de interpretar a realidade no campo artístico e, portanto, naturalizado como "verdade", refere-se a obras nas quais o masculino é representado como dominante, um sujeito ativo, ou, se não representado explicitamente em

pinturas, é a quem é endereçada a obra, para que possa servir para sua contemplação. Já a mulher, é concebida como um objeto visual, passiva, e portanto, evidenciada a partir de sua submissão ao homem, sendo sexualmente subjugada (Berger, 1980; Loponte, 2002).

As representações através das imagens são voltadas, frequentemente, para a exacerbação da sexualidade masculina; ao passo que, objetiva-se a contenção da sexualidade feminina, que deve ser resguardada. Portanto, ao compreender que estas representações acarretam formas de saber, produzindo discursos perpassados por relações de poder, deve-se romper com essa "supremacia de valores masculinos, brancos e europeus" (Loponte, 2002, p. 296).

Entende-se que este olhar não é neutro, pois existem outras inúmeras possibilidades além desta já cristalizada. Ao olhar por diferentes espectros, possibilita-se desconstruir fronteiras simbólicas rígidas quanto ao processo de constituição de identidades sexuais e de gênero. Estas fronteiras simbólicas rígidas são como barreiras culturais e expressam-se a partir de preconceitos frente aos indivíduos que ocupam posições não-hegemônicas em determinados grupos sociais. Desqualifica-se, portanto, indivíduos pertencentes a um grupo social distinto e, no momento em que tais fronteiras são transgredidas, são manifestadas, muitas vezes, atitudes intolerantes e de violência frente aos indivíduos que as transgrediram (Madureira & Branco, 2012).

A sociedade de consumo e a perpetuação de determinados saberes através de dispositivos midiáticos

A mídia contemporânea utiliza-se de diversas referências do campo das artes visuais de tradição européia quanto ao exercício de influências sociais e produções de saber-poder, perpetuando a masculinidade hegemônica e a suposta passividade feminina, a partir de representações de mulheres-objeto dispostas a serem contempladas e dominadas pelo homem.

A partir de um sistema econômico capitalista no qual a mídia está inserida, reforça-se o status de objeto atribuído ao corpo feminino; estes corpos, assim como a beleza, tornam-se passíveis de consumo a partir de diversos veículos midiáticos de comunicação. O consumo em nossa sociedade atual, extrapola a função de suprir necessidades, aproximando-se de tentativas por parte dos indivíduos de aceitação social, no intuito de manutenção das relações sociais, constituindo e influenciando identidades (Barbosa & Campbell, 2006 citado por Soares-Correia, 2015). Os recursos midiáticos, portanto, são utilizados a partir de estratégias que reforcem o consumo desenfreado, baseando-se em um determinado padrão estético.

Deste modo, o desejo de adquirir determinado produto é estimulado de tal forma, que são criadas 'falsas necessidades', pois cria-se a necessidade de fazer parte de uma determinada estética corporal, valorizada em nossa sociedade. Falsas necessidades, pois não são para subsistência do indivíduo ou indispensáveis para o seu dia a dia; são, no entanto, desejos construídos a partir de influências e comparações sociais, internalizados de tal forma, que emergem no indivíduo como necessidades (eu não só quero aquele produto, mas preciso dele). Essas comparações sociais acarretam elevados níveis de competitividade entre os sujeitos, incentivando a insatisfação dos indivíduos com os bens que possuem e o corpo que têm e, retroalimentando a criação de outras 'falsas necessidades'.

O mercado aproveita-se disso e, constantemente, são criadas novas necessidades ao se estimular cada vez mais a sociedade de consumo da qual fazemos parte. Pois de acordo com Soares-Correia (2015), a mercadoria utilizada pelos indivíduos é selecionada não por sua utilidade, mas a partir do que ela representa no meio social.

Ao passo que o corpo e a beleza passam a ser sinônimos da identidade do indivíduo, abre-se espaço para os mais diversos sofrimentos e frustrações ao não ser capaz de alcançar o padrão imposto e a estética ideal requerida por determinados grupos e classes sociais. Afinal, o que fazer com os indivíduos que não encaixam-se em um padrão eurocêntrico, branco, onde toda e qualquer gordura fora do lugar é repreendida e deve ser "corrigida"?

Dessa forma, o objetivo geral da pesquisa é analisar como a feminilidade e a masculinidade têm sido representadas na mídia na perspectiva de jovens adultos de classe média, mulheres e homens, a partir de diálogos interdisciplinares entre a psicologia e o campo das artes visuais. E, os objetivos específicos são: compreender como os padrões culturais de gênero interferem na construção da imagem corporal feminina; analisar as implicações dos padrões e estereótipos de gênero difundidos pela mídia nas identidades femininas e masculinas; e analisar as possíveis articulações entre os estereótipos de gênero presentes na mídia e as relações de poder entre homens e mulheres.

Método

A partir da epistemologia qualitativa, compreende-se a metodologia não como o "caminho para a Verdade", mas como uma trajetória percorrida a partir do raciocínio do/a pesquisador/a e o emprego do pensar em campo. Para tal, a metodologia engloba as técnicas, o método e a criatividade do/a pesquisador/a, e em que, sem esta, a metodologia tornar-se-ia, uma mera reprodução de técnicas (Madureira & Branco, 2001; Minayo, 2007).

No intuito de compreender de forma aprofundada os contextos históricos-culturais nos quais os fenômenos se inserem, é necessário utilizar-se de uma proposta epistemológica qualitativa que esforça-se para compreender minimamente a realidade complexa, sistêmica e dinâmica. Na presente pesquisa, utiliza-se a proposta epistemológica qualitativa desenvolvida por González Rey. Assim, possibilita-se a investigação do objeto de estudo das ciências humanas, no qual os indivíduos significam suas ações e comportamentos e manifestam intencionalidade (Madureira & Branco, 2001; Minayo, 2007).

Compreende-se, de acordo com González Rey (2005), a pesquisa enquanto processos dialógicos e singulares, além de compreender o conhecimento como uma elaboração construtivo-interpretativa. Produzem-se interpretações a partir de objetos de estudo essencialmente qualitativos, cujos processos são fluidos e complexos, a realidade é plurideterminada, instável, interativa e fundamentalmente subjetiva.

Participantes

Para a realização da pesquisa, foram selecionados três participante por conveniência, duas participantes do gênero feminino e um do gênero masculino. Os três enquadram-se nos critérios pré-estabelecidos de faixa etária (entre 18 e 30 anos) e foram selecionados via rede social da pesquisadora.

Foram criados nomes fictícios para que a identidade dos participantes fosse preservada. Portanto, a primeira participante foi nomeada Paloma, é graduanda de Direito e tem 20 anos, não possuindo nenhuma afiliação religiosa, no entanto, considera-se cristã. O segundo participante foi nomeado Lucas, é graduando de administração, tem 20 anos e é católico. A terceira participante foi nomeada Júlia, é também graduanda de administração, tem 22 anos e é cristã, não tendo afiliações religiosas.

Materiais e Instrumentos

Os instrumentos utilizados para a realização da pesquisa foram: entrevista semiestruturada e apresentação de imagens. As questões da entrevista foram formuladas previamente, entretanto, a entrevistadora pôde acrescentar questionamentos, direcionar pontos de interesse, aprofundar em questões específicas, dentre outros. Trata-se, portanto, de uma estruturação mais livre e menos rígida que um questionário ou entrevista estruturada. As imagens foram também selecionadas previamente.

Os materiais utilizados foram: um gravador de voz, um computador para a apresentação das imagens selecionadas, folha contendo o roteiro de entrevista previamente estruturado e o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – TCLE impresso.

Procedimentos de Construção de Informações

Anteriormente à realização da pesquisa, o projeto desta foi submetido e aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa do UniCEUB. Assim, possibilitou-se a ida a campo para a realização da entrevista com os três participantes selecionados. Primeiramente, os participantes foram instruídos quanto ao objetivo geral de pesquisa com posterior explicação de que não haveria respostas certas ou erradas e que o intuito seria o de expressarem suas opiniões pessoais. Então, lhes foram entregues o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido com a instrução de realizarem a leitura do documento e ao final perguntarem se houver eventuais dúvidas. As dúvidas, portanto, foram esclarecidas e lhes foi exposto que suas identidades pessoais seriam mantidas em sigilo. Por fim, foram solicitados os consentimentos de gravação da entrevista em áudio, esclarecendo que os arquivos de áudio seriam excluídos após análise das entrevistas.

Procedimentos de Análise

Posteriormente à realização das entrevistas, estas foram transcritas a partir da gravação de áudio realizada. Assim, possibilitou-se a análise e interpretação dos dados a partir do conteúdo expresso na entrevista, respaldando-se nas teorias presentes na literatura especializada concernente aos processos identitários de gênero, mídia, corporeidade e artes visuais. Para tanto, utilizou-se o método de Análise de Conteúdo, o qual, de acordo com Gomes (2007, p. 84), viabiliza "o uso de inferências que partem da descrição dos conteúdos explícitos da comunicação para se chegar a dimensões que vão para além da mensagem", objetivando, dessa forma, a realização de interpretações mais complexas, ao transcender o que está meramente descrito na mensagem.

Mais especificamente, utilizou-se a Análise de Conteúdo Temática, na qual as temáticas desenvolvidas são centrais no processo de análise e categorização das falas dos participantes. Dessa forma, após análise inicial destas, foram criadas as seguintes categorias analíticas temáticas: Gênero e relações de poder na sociedade brasileira; Feminilidade, masculinidade e mídia: o olhar dos/as participantes; Corporeidade, feminilidade e padrões estéticos hegemônicos.

Resultados e Discussão

Nessa seção serão discutidos os resultados mais significativos a partir das categorias analíticas anteriormente mencionadas, baseando-se nos objetivos e no problema de pesquisa propostos.

Gênero e relações de poder na sociedade brasileira

A partir do que foi anteriormente discutido referente às identidades de gênero, identificam-se relações desiguais entre homens e mulheres, as quais, suscitam as mais diversas formas de opressão. Tais mecanismos opressivos e de dominação podem ser retratados a partir da fala da participante Paloma, ao descrever o que sentiria se presenciasse situações de violência contra a mulher: "*minha vontade com certeza seria reagir a isso, mas eu, como mulher, teria medo (...) de reagir a um homem. E isso pra mim reflete totalmente o que o machismo pode representar pra gente*". Diz também sentir-se impotente diante dessa situação e, ao descrever a imagem em que o homem assedia a mulher, comenta: "*se eles estivessem sozinhos com ela, o que eles poderiam fazer?!"*.

Constata-se que a oposição binária masculino-feminino é constantemente reafirmada a partir das relações de poder existentes, nas quais aos homens são atribuídos os papéis de dominação e às mulheres os de submissão (Louro, 1998). A superioridade associada ao gênero masculino em nossa sociedade atual implica em concepções sexistas de mulheres enquanto objetos visuais, desprovidas de desejos e autonomia e, submetidas às vontades masculinas. Mais especificamente, a objetificação é direcionada aos corpos das mulheres, que historicamente são tidos como propriedade dos homens, moldados para sua contemplação (Berger, 1980).

Nas falas de Paloma percebe-se a busca pela desconstrução dessa dicotomia, divergindo da percepção da mulher enquanto ser submisso, e sim como "*livre pra fazer o que ela quer (...), a mulher ideal é uma mulher ideal pra ela mesma, e não pros outros*". A participante Júlia também não idealiza nenhum padrão feminino, mas destaca que devido ao machismo percebe que a sociedade impõe padrões a serem seguidos: "*a mulher tem que ser certinha (...). Não pode sentar de qualquer jeito, ficar rindo alto (...), tem que ser na dela, educadinha, mulher de casa*". Já o participante Lucas idealiza uma mulher esteticamente bela e trabalhadora.

Ao explicitarem suas opiniões quanto ao modelo masculino idealizado pela sociedade, Júlia e Lucas descrevem um homem que seja cavalheiro e bem sucedido profissionalmente.

Lucas concorda com determinados estereótipos de gênero, ao dizer: "*apesar de ter umas mulheres que acham que tudo tem que ser igual, mas eu acho que não, acho que o homem tem que ser cavalheiro e tudo mais*". Ainda acrescenta: "*queimou a luz da sua casa, você vai esperar quem que troque? (...) Seu pai. Muito difícil você ver a mãe fazendo isso*".

Foi descrita uma situação hipotética aos/às participantes, na qual presenciariam um homem agredindo verbalmente sua parceira em local público, devido às roupas 'curtas' que a mulher utilizava. Ao perguntar-lhes como se sentiriam com relação ao cenário narrado, Júlia não relatou incômodos quanto aos gritos do homem destinados à sua parceira. Ateve-se, no entanto, a outros aspectos considerados por ela como mais relevantes.

"Podia chamar ela pro canto, (...) ter avisado antes de sair de casa. Não precisa chamar a atenção de todo mundo (...) eu não ia achar legal não, mas cada um cuida da sua vida". Júlia, portanto, reforça concepções difundidas no imaginário social, em que questões pertinentes a um casal pertencem ao âmbito privado, e, que, na ordem do privado não se pode intrometer-se. Concepções, as quais, estão pautadas nos discursos de tolerância às violências presentes na sociedade patriarcal na qual estamos inseridos. Naturalizam-se, assim, comportamentos violentos, que passam a ser assimilados como parte da normalidade (Segato, 2003), pois estes são considerados como formas hegemônicas de exercer a masculinidade.

Perpetua-se, então, a invisibilidade das questões de gênero, em que agressões entre um casal não são vistas como "problemas sociais ou de saúde, mas como problemas individuais, de cada mulher" (Schraiber et al, p. 33, 2005). Dessa forma, tais acontecimentos não são reconhecidos enquanto transgressões dos direitos da mulher, os quais deveriam ser alvo de propostas de caráter político, visando políticas sociais apropriadas e ações públicas. Deve-se desconstruir a concepção de que não se pode interferir no âmbito privado, pois aquilo que ocorre no âmbito privado de um casal e está relacionado a práticas de violência, possivelmente diz respeito às relações de gênero, e, assim, ultrapassa tal âmbito, devendo ser algo de interesse público.

Júlia, ainda, reprova a utilização de vestimentas curtas em determinados contextos, e, assim, a única hipótese considerada pela participante de posicionar-se diante da situação proposta, foi a de questionamentos à mulher quanto a sua submissão ao homem, culpabilizando-a. Apropria-se, desse modo, de práticas discursivas que normatizam e prescrevem as possibilidades de ser e estar das mulheres em sociedade. Reforçam-se os dispositivos de biopoder, em que o controle biopolítico é exercido a partir da interiorização das normas impostas pelos discursos hegemônicos de saber (Nardi & Silva, 2005).

Portanto, produzem-se impactos nas subjetividades das mulheres ao postular comportamentos socialmente esperados. Bourdieu (2012) refere-se ao termo confinamento simbólico para exemplificar a limitação imposta às mulheres, como também pelas mulheres, quanto aos seus trajes, gestos, modo de caminhar, pensar e agir.

Ao demonstrar uma imagem de 3 cervejas intituladas como 'forte', 'leve' e 'mulher', os participantes reagem: "*qual a lógica de se fazer uma cerveja pra mulher? (...) Dá a impressão que (...) tem que tratar de uma forma diferente (...). É bem machista*" (Paloma); "*acho que hoje em dia as mulheres não gostaram não (...). Hoje as mulheres querem (...) não ter essa diferenciação entre homem e mulher, entendeu? E aí deixa muito claro que tem diferenciação: (...) forte os homens conseguem, vocês é abaixo da leve*" (Lucas).

A cerveja, dessa forma, exerce um papel de símbolo demarcador de diferenças identitárias, pertencente a um sistema representacional (Woodward, 2000), que, assim como outros artefatos culturais, assume determinada posição no binarismo de gênero. Considera-se, a partir da reprodução de discursos pautados na masculinidade hegemônica, que a cerveja é um objeto destinado ao consumo de homens. Ao apoiar-se na perspectiva pós-estruturalista, identifica-se que os objetos em si não denotam tal correlação, mas sim, as narrativas produzidas e perpetuadas a respeito destes, sustentadas a partir de certas produções de significados relativos a determinado objeto (Cechin & Silva, 2012). E assim, tais artefatos culturais tornam-se funcionais à perpetuação do biopoder, no sentido de possibilitar o controle e a regulação das subjetividades ao funcionar enquanto mecanismos políticos e sociais de normatização.

Os significados associados a certos objetos auxiliam no fortalecimento de fronteiras simbólicas rígidas (Madureira & Branco, 2012) entre grupos, mais especificamente fronteiras simbólicas rígidas relativas ao sexismo e à heteronormatividade. Tais fronteiras podem ser percebidas a partir da recorrência com que Lucas expõe concepções permeadas de preconceito homofóbico, explicitados a partir dos seguintes trechos:

Eu acho que virou uma putaria hoje. A pessoa pode ser gay e tudo mais, mas velho, hoje parece que é a coisa mais normal do mundo (...). Acho que não precisa ser exposto o tanto que é. Hoje meio que o papel do homem e da mulher em si, meio que perdeu o valor que tinha antes, entendeu?; Eu não sei se sempre existiram (...) esses gays e tudo mais, se sempre existiu e a galera era enrustida né; Começou com Adão e Eva, vamos supor que fosse Adão e Adão. Entendeu? Não ia ter reprodução; Homem é mais largado, (...) mas ainda tem aí uns viados que ficam na academia...

E partindo da premissa de que as identidades de gênero e as identidades sexuais estão profundamente relacionadas, propiciando vinculações entre a homofobia e o sexismo, encontram-se trechos também sexistas a partir da descrição do participante de algumas imagens: "*afeminou o menino todo (...) deve ter o que, (...) 5 anos de idade, não tem noção de nada. Aí faz umas coisas dessa com o muleque*", referindo-se ao menino fantasiado de princesa; "*e dois viadinhos. Tô brincando*", referindo-se aos meninos brincando de boneca; "*Porra, (...) acho que é uma coisa mais da mulher, entendeu? Brincar com boneca. isso aí eu sou bem conservador mesmo*".

Denota-se o caráter heteronormativo, implicado nos discursos produzidos a partir do sistema binário de gênero, ao pressupor uma ideia singular de masculinidade. Deixa-se de lado as diversas formas não-hegemônicas de expressar a masculinidade por não encaixarem-se nessa lógica binária. Lucas demonstra tal concepção a partir da fala: "*O cara é gay, beleza, tem que namorar e tudo mais. Agora o que não dá é aquele cara que é gay e quer (...) falar pra todo mundo que ele é gay (...). Aí tem que andar igual, gritar, dando aquele chilique. Isso todo mundo sabe que não é porque o cara é gay, é porque ele quer aparecer*". Quando perguntado se Lucas é contra o jeito mais afeminado que os gays podem demonstrar, ele responde: "*é, é foda*".

Pressupõe-se que a forma hegemônica de masculinidade, pela qual Lucas se expressa, não concebe o fato de que um homem possa ter características consideradas socialmente como femininas, pois a partir dessa visão, as expressões da feminilidade são consideradas como inferiores às de masculinidade. E, dessa forma, julgadas como inconcebíveis de serem exteriorizadas por um homem, que supostamente deveria "honrar" a todo custo sua masculinidade "viril" e machista.

Ainda, associando tais aspectos homofóbicos ao sexismo, demonstrações de independência e/ou poder de escolha por parte das mulheres, são interpretadas pelos homens como ameaças a sua "virilidade". Dessa forma, ao sentirem-se ameaçados, utilizam-se de mecanismos opressores e comportamentos que expressem sua dominância, com o intuito neutralizar qualquer tentativa empreendida pelas mulheres de igualar-se (Junqueira, 2009).

Feminilidade, masculinidade e mídia: o olhar dos/as participantes

Ao serem perguntados quanto ao papel da mídia nos dias atuais, os três participantes evidenciam a parcialidade ou não veracidade das informações que podem ser transmitidas; tanto por redes sociais, meio de comunicação que Paloma e Júlia utilizam com maior frequência, quanto por outros meios, como a televisão, mais utilizada por Lucas.

Quanto à forma com que a mídia retrata homens e mulheres, os três participantes exprimem diferenciações de gênero e padrões impostos pela mídia a serem seguidos. Paloma explicita que "*ela reforça bastante os estereótipos (...), acho a mídia ainda muito conservadora*", apontando que a ruptura desses estereótipos que vemos hoje na mídia seria, na verdade, um interesse de atrair públicos diferentes e, não uma real desconstrução de preconceitos e mudança de concepção.

A mídia ainda reforça a mulher como um objeto, uma imagem, uma coisa bonita; isso recai não só sobre as mulheres, mas também sobre os homens (...). Às vezes eles não querem gostar de futebol mas eles se obrigam porque (...) é o que tá na mídia, o que a mídia fala pra eles que eles têm que gostar.

Júlia apresenta opinião divergente relacionada às modificações da mídia nos dias de hoje: "*acho que eles tão mudando muito, com o lance de feminismo e de empoderamento da mulher e tal (...), deixando mais iguais as coisas*".

Verifica-se que a publicidade, além de mecanismo de representações, atua como pedagogia constituinte de identidades sociais (Sabat, 2001). Reflete concepções difundidas no meio social a partir de signos produzidos pela cultura, corroborando determinados padrões estéticos desejados, assim como formas hegemônicas de expressão das masculinidades e feminilidades. Feminilidades as quais, encontram-se geralmente associadas a idealizações estéticas de corpo, à maternidade e à família.

Ainda, a influência de comportamentos a partir de padrões expostos na mídia foi identificada como aspecto convergente entre os três participantes: "*é muita influência da mídia isso né (...), são referências que a gente vê (...) em todos os lugares que aquilo é bonito*", "*talvez isso não fosse ser tão forte se a mídia não reforçasse*", "*essa influência da mídia (...) acaba que muda (...) minha forma de viver, porque eu quero me encaixar em um padrão*" (Paloma); "*a novela das 9 da Globo tem o poder de influência muito grande nas pessoas (...), acaba sim retratando a realidade, porque acho que eles impõem um pouco essa realidade pra sociedade*" (Lucas).

Entretanto, por mais que Júlia se veja influenciada pela mídia e acredite que a mídia influencia os indivíduos, considera que é um aspecto em processo de mudança, além de exibir representações que não condizem mais com a realidade dos jovens de hoje: "*acho que as pessoas estão ficando mais abertas, não tão se importando mais em ficar presas a uma informação só, elas vão atrás de outras coisas*".

Percebe-se que imagens, tanto artísticas quanto midiáticas, corroboram determinadas concepções de mundo, no sentido de canalizarem culturalmente os processos de significação

de diferentes grupos sociais, direcionando-os. Assim, afetam os indivíduos em larga escala, desde o que fazem no seu dia a dia, até como se sentem em relação a si. Atingem diretamente, portanto, a subjetividade do indivíduo, no modo como constroem e reconstróem suas identidades a partir de adequações necessárias para satisfazer as normatizações prescritas socialmente.

Paloma destaca que, para além das identidades de gênero, a mídia também influi em questões raciais: *"se uma criança negra ver que as pessoas que estão na televisão (...) com bons papéis, com cabelo liso, ela vai sentir vontade de alisar o cabelo dela também (...), porque quem tá com o cabelo igual o dela, na verdade, é a empregada na novela, entendeu?"*. Identifica-se, dessa forma, a atuação da mídia enquanto dispositivo de regulação social, cumprindo um papel normativo e excludente ao evidenciar relações de desigualdade já presentes na sociedade.

No tocante à homossexualidade, Lucas critica o papel que a mídia desempenha sobre as identidades sexuais, considerando-a como dispositivo constituinte das subjetividades: *"passa na novela que o cara beija o cara, então... vai achar normal aquilo, não vai ficar revoltado (...), vai aceitar e, vai entrando na cabeça da pessoa, entendeu? (...) Quando viu, hoje tá o que tá", "então meio que você tira a educação que você tá dando... O menino vai ficar confuso"*. Assim, Lucas acredita ser inadequado a mídia retratar a homossexualidade e transsexualidade com a frequência que o faz nos dias de hoje, ao assumir que a exibição desses conteúdos influenciaria mais pessoas a acharem isso "normal" ou até possivelmente tornarem-se homossexuais, segundo sua concepção.

À vista disso, evidenciam-se, a partir de seu discurso, formas simbólicas de violência e dominação sofridas por indivíduos que experienciam sua sexualidade de forma distinta à heterossexualidade. Pratica-se a opressão e estigmatização de determinadas categorias sociais a partir da tentativa de invisibilização de suas identidades (Bourdieu, 2012). Assim, busca-se, de todas as formas, negar sua existência, afastando as discussões de gênero e sexualidade de qualquer veículo que vise propagar informações, tal como a mídia e a educação. Para tanto, utilizam-se de tais dispositivos pedagógicos com o intuito de corroborar e atestar determinados discursos hegemônicos enquanto verdades, impossibilitando-os de serem contestados ou problematizados.

Corporeidade, feminilidade e padrões estéticos hegemônicos

Atualmente, o avanço biomédico e as novas tecnologias permitem que sejam realizadas as mais diversas modificações no corpo, exercendo papéis transformadores

significativos ao propiciar a constituição de novas formas de subjetividades, afetando a forma com que as relações sociais ocorrem e o nosso modo de compreensão da corporeidade (Araiza & Gisbert, 2007).

Assim, as participantes do gênero feminino afirmam já terem modificado seu corpo cirurgicamente, enquanto o participante do gênero masculino nunca modificou, mas faria cirurgia para ginecomastia, ou seja, excesso de gordura na região do peito. O incômodo trazido pelo participante é interpretado a partir da rejeição por um homem de apresentar características tidas como femininas.

Paloma afirma já ter feito cirurgia plástica no nariz e se pudesse modificaria o corpo para ser, de acordo com ela, *"mais 'fit'"*. Relata que seu nariz esteticamente a incomodava imensamente: *"não ficava de lado pras pessoas, achava o meu nariz muito grande", "sempre ficava na expectativa das pessoas falarem sabe, de acharem aquilo feio"*. Com relação à sua aparência corporal diz não se incomodar, mas alega não estar dentro dos padrões: *"acho que a gente tem tantos estereótipos do que é bonito, que eu mudaria no sentido de que seria mais bonito pras outras pessoas"*.

Julia diz já ter colocado silicone e que também mudaria outros aspectos de sua aparência corporal: *"eu sempre quero mudar algo, né. É errado, porque as pessoas têm que se aceitar, mas a mídia impõe um padrão, você acaba seguindo. (...) Faria o meu nariz (...), corpo sempre quero mudar, (...) as gordurinhas e tal"*. Acrescenta: *"eu acho muita pressão da sociedade"*, e acreditava que *"com homem, tipo, eu vou lá né, vou ter relação e, ele vai pegar aonde? Não tenho onde pegar"*. Assim, afirma ter feito a cirurgia principalmente almejando a aprovação social, além da crença que tinha de que não era bonita ou sensual o suficiente.

Na busca de romper com as funções historicamente impostas às mulheres, de reprodução e de responsabilidade pelas atividades do lar, estas transgridem as proibições de manifestação de sua sexualidade e empenham-se à busca de um corpo jovem e atraente. Afirmam-se, portanto, enquanto seres desejáveis, cujos corpos preservam seu caráter libidinal, inerente ao ser humano (Novaes, 2011).

Além disso, a opinião dos participantes é convergente quanto à crença na existência de padrões estéticos hegemônicos na sociedade, os quais os influenciam constantemente: *"Eu sou satisfeita comigo, mas ao mesmo tempo eu sempre estou buscando mais porque não é ainda o ideal na cabeça das outras pessoas, sabe?"* (Paloma); *"se eu quisesse (...) casar hoje, eu queria casar com uma mulher bonita"*, *"influencia porque, pô, (...) se você for um cara gordo e tal, você não vai pegar aquela mina"* (Lucas); *"mulher tem que ter peito pra ficar bonita (...), não pode ser muito magra, ah, se for gorda demais não atrai..."*, *"há um tempo*

atrás era o corpo da 'panicat'³ (...), aí agora tá o povo 'fitness', magrinho e tal, Pugliesi⁴ da vida" (Júlia).

"Se em épocas anteriores as mulheres preocupavam-se com sua beleza, atualmente, elas são responsáveis por garanti-la." (Soares-Correia, 2015). E, ao não conseguir alcançar os altos padrões estéticos socialmente estipulados, a mulher é vista pela sociedade machista como "desleixada", praticante de um ato de "descuido pessoal". O homem, e até outras mulheres, impõem que ela deve cuidar-se, afinal, é seu 'dever enquanto mulher'. Seu cabelo deve estar impecável, unhas feitas, corpo desprovido de defeitos, enfim, deve empenhar-se de forma sobre-humana, no intuito de se adequar aos moldes convencionados.

Ainda, os relatos anteriores demonstram a exclusão social conferida às pessoas gordas, acarretando na negação de sua sexualidade. De acordo com Novaes (2011, p. 489), "o sentimento crescente de lipofobia afasta dos espaços públicos a feiura indesejada dos gordos, bem como do nosso imaginário a presença dos esteticamente imperfeitos". Além disso, subentende-se a busca de um ideal imposto impossível de ser alcançado, pois sempre terão 'defeitos' a mais a serem corrigidos, causando essa impressão de que o corpo que se tem nunca é o suficiente para a obtenção de aprovações sociais.

Considerações Finais

Por meio desta pesquisa, pôde-se verificar o quanto as mais diversas instituições sociais empenham-se na tentativa de disciplinar os corpos por meio de dispositivos de poder, objetivando afirmar determinadas expressões de masculinidades e feminilidades hegemônicas que corroborem uma sociedade sexista e heteronormativa.

Oportunizou-se um aprofundamento em discussões referentes à constituição das identidades sociais de gênero e sexualidade e o impacto subjetivo causado a partir de forças antagônicas de influência social. Acredita-se, no entanto, que as discussões das temáticas abordadas não estão encerradas, enfatizando-se a necessidade de produção de novos conhecimentos. Sugere-se a realização de pesquisa semelhante com participantes no período de desenvolvimento da adolescência, tendo em vista que os resultados aqui discutidos expõem

³ O termo refere-se às assistentes de palco de um programa de televisão, que comumente vestem trajes de banho e exibem corpos musculosos, torneados e com pouca gordura corporal, perpetuando tal padrão de beleza específico.

⁴ Gabriela Pugliesi é uma blogueira brasileira que conquistou um corpo marcado principalmente pela magreza, similar aos corpos típicos das modelos, tendo ganhado notoriedade ao compartilhar em redes sociais dicas saudáveis de alimentação e atividade física.

o quanto indivíduos cada vez mais jovens sujeitam-se à realização de procedimentos estéticos, decorrentes de insatisfações quanto às suas imagens corporais.

Seus corpos tornam-se extremamente maleáveis e permeáveis a partir de técnicas e procedimentos que, devido ao avanço tecnológico, pretendem ser cada vez mais fisicamente indolores e não-invasivos, possibilitando que o maior número de pessoas que estiverem dispostas a pagar "o preço da beleza" transformem-se e reconfigurem suas imagens, e, mais do que isso, suas identidades (Araiza & Gisbert, 2007; Soares-Correia, 2015). Entretanto, será que estas técnicas realmente se caracterizam como procedimentos indolores e não-invasivos? Pois acredito que não há como qualquer prática que altere a identidade do indivíduo ser considerada como não-invasiva; invade-se, no entanto, aspectos subjetivos e íntimos do indivíduo ao ultrapassar as fronteiras corporais, pressupondo remodelar somente os aspectos biológicos.

Referências Bibliográficas

Araiza, A. & Gisbert, G. (2007). Transformaciones del Cuerpo en Psicología Social.

Psicologia: Teoria e Pesquisa, 23(1), pp. 111-118.

Berger, J. (1980). *Modos de ver*. São Paulo: Martins Fontes.

Bourdieu, P. (2012). *A dominação masculina*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil.

Cechin, M. B. C., & Silva, T. (2012). Assim falava Barbie: uma boneca para todos e para ninguém. *Fractal Revista de Psicologia*, 24 (3), 623-638.

Datafolha. (2016). *Visível e invisível: a vitimização de mulheres no Brasil*. Retirado de <<http://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2017/03/1864564-uma-em-tres-brasileiras-diz-ter-sido-vitima-de-violencia-no-ultimo-ano.shtml>>

Gomes, R. (2007). Trabalho de campo: contexto de observação, interação e descoberta. Em M. C. S. Minayo (Org.), *Pesquisa social: teoria, método e criatividade* (pp. 79-108). Petrópolis: Vozes.

González Rey, F. (2005). *Pesquisa Qualitativa e Subjetividade: Os processos de construção da informação*. São Paulo: Pioneira Thomson Learning.

Guest, J. (2013). *Quick Facts: Highlights of the ISAPS 2013 Statistics on Cosmetic Surgery*.

Retirado de <<http://www.isaps.org/Media/Default/Current%20News/ISAPS%20Quick%20Facts%20Highlight%20Sheet%20Final.pdf>>

Guest, J. (2016). *Demand for cosmetic surgery procedures around the world continues to skyrocket - USA, Brazil, Japan Italy, and Mexico ranked in the top five countries*.

Retirado de <<http://www.isaps.org/Media/Default/Current%20News/GlobalStatistics.PressRelease2016.pdf>>

Junqueira, R. D. (2009). Introdução - Homofobia nas escolas: um problema de todos. Em R.

D. Junqueira (Org.), *Diversidade sexual na educação: problematizações sobre a homofobia nas escolas* (pp. 13-51). Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, UNESCO.

Le Breton, D. (2007). *A sociologia do corpo*. Rio de Janeiro: Vozes.

Loponte, L. G. (2002). Sexualidades, artes visuais e poder: pedagogias visuais do feminino. *Estudos Feministas*, 10(2), 283-300.

Louro, G.L. (1998). *Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista*. Petrópolis: Vozes.

Louro, G.L. (1999). Pedagogias da sexualidade. Em G. L. Louro (Org.), *O corpo educado: pedagogias da sexualidade* (pp. 9-34). Belo Horizonte: Autêntica.

Madureira, A. F. A. (2016). Diálogos entre a Psicologia e as Artes Visuais: as Imagens enquanto Artefatos Culturais. Em J. L. Freitas & E. P. Flores (Orgs.), *Artes e Psicologia: Fundamentos e Práticas* (pp. 57-82). Curitiba: Juruá.

Madureira, A. F. A. & Branco, A. U. (2001). As raízes histórico-culturais e afetivas do preconceito e a construção de uma cultura democrática na escola. Em A. U. Branco & M. C. S. L. Oliveira (Orgs.), *Diversidade e cultura da paz na escola: contribuições da perspectiva sociocultural* (pp. 125-155). Porto Alegre: Mediação.

- Madureira, A. F. A. & Branco, A. U. (2012). As raízes histórico-culturais e afetivas do preconceito e a construção de uma cultura democrática na escola. Em A. U. Branco & M. C. S. L. Oliveira (Orgs.), *Diversidade e cultura da paz na escola: contribuições da perspectiva sociocultural* (pp. 125-155). Porto Alegre: Mediação.
- Minayo, M. C. S. (2007). O desafio da pesquisa social. Em M. C. S. Minayo (Org.), *Pesquisa social: teoria, método e criatividade* (pp. 31-60). Petrópolis: Vozes.
- Nardi, H. C. & Silva, R. N. (2005). Ética e subjetivação: as técnicas de si e os jogos de verdade contemporâneos. Em: N. M. E. Guareschi, S. M. Hüning & H. B. C. Rodrigues (Orgs.), *Foucault e a psicologia* (pp. 93-106). Porto Alegre: Abrapso Sul.
- Novaes, J. V. (2011). Beleza e feiúra: corpo feminino e regulação social. Em M. Del Priore & M. Amantino (Orgs.), *História do Corpo no Brasil* (pp. 477-506). São Paulo: Unesp.
- Sabat, R. (2001). Pedagogia cultural, gênero e sexualidade. *Estudos Feministas*, 9(1), 9-21.
- SBCP. (2013). *Número de cirurgias plásticas entre adolescentes aumenta 141% em 4 anos*. Retirado de <<http://www2.cirurgiaplastica.org.br/numero-de-cirurgias-plasticas-entre-adolescentes-aumenta-141-em-4-anos/>>
- Schraiber, L. B. et al. (2005). Um caso entre muitos: a violência doméstica contra a mulher. *Violência dói e não é direito - a violência contra a mulher, a saúde e os direitos humanos* (pp. 23-50). São Paulo: Unesp.
- Scott, J. (1995). Gênero: uma categoria útil de análise histórica. *Educação & Realidade*, 20(2), 71-99.
- Segato, R. L. (2003). Las estructuras elementares de la violencia: contrato y status en la etiología de la violencia. *Série Antropologia* (pp. 1-19). Brasília: Departamento de Antropologia, Universidade de Brasília.
- Soares-Correia, M. J. C. (2015, outubro). Corpo e beleza feminina: a construção e o consumo da imagem midiática. Em Congresso Internacional Comunicação e Consumismo, São

Paulo, SP.

Woodward, K. (2000). Identidade e diferença: uma introdução conceitual. Em T. T. Silva (Org.), *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais* (pp. 7-72).

Petrópolis: Vozes.